

O MODERNISMO EM FERNANDO PESSOA REVELADO ATRAVÉS DO PANTEÍSMO E ESTOICISMO NO POEMA “QUANDO VIER A PRIMAVERA”, DO HETERÔNIMO ALBERTO CAEIRO

Herbert Luan Lopes da Silva

Rafael José Gomes Brandão¹

Profa. Dra. Maria Gabriela Cardoso Fernandes da Costa²

Em 1915, foi lançada a revista Orpheu em Portugal considerada o principal marco do movimento Modernista no país, reunindo diversos escritores com suas inovações literárias. Entre eles, Fernando Pessoa, que é considerado pela maioria dos críticos literários o maior poeta da língua portuguesa pela grandeza de sua obra, só comparável a Camões. No ano de 1914, pensando em enriquecer seu universo temático, o poeta cria os três principais heterônimos, que são: Álvaro de Campos, poeta futurista, Ricardo Reis, poeta neoclássico decadente e Alberto Caeiro, poeta bucólico. Este último heterônimo privilegia em seus poemas “o ver e o ouvir” em detrimento “do pensar e do sentir”. O presente e a natureza são duas coisas bastante admiradas por ele, ao lado de duas doutrinas filosóficas que recorrentemente aparecem nos seus escritos: o Panteísmo e o Estoicismo. A primeira é a concepção filosófica de que toda natureza e todo universo compõem Deus; entretanto, tal doutrina não acredita que Deus seja um ser inteligente, onisciente e onipotente como creem as religiões judaico-cristãs. A segunda é a concepção filosófica que tem como ideal virtuoso e ético a apatia, ou seja, o ser humano deveria ser indiferente às suas emoções e aos fatos que ocorrem na sua vida. Diante do que foi exposto, este artigo analisará como o Modernismo de Pessoa se revela através do Estoicismo e do Panteísmo no poema “Quando vier a primavera” de Alberto Caeiro. Para esta análise utilizamos como respaldo teórico os pressupostos de Gaarder (2009), Barreiros (1992), Moisés (1987), Lopes (2010) e Scruton (2000). Como é um estudo que está em andamento ainda não temos uma conclusão definida; mas estamos compreendendo que Fernando Pessoa tinha seu próprio estilo modernista incorporado nos seus heterônimos através de uma variabilidade temática, estilística e de doutrinas filosóficas.

Palavras-chaves: Fernando Pessoa, Alberto Caeiro, Modernismo, Panteísmo, Estoicismo.

1. Introdução

A linguagem poética pode gerar múltiplas interpretações a partir de um único poema. Através de versos, sejam eles brancos sejam eles rimados, o poeta consegue transmitir ao leitor seu pensamento, a sua visão de mundo ou ainda as várias doutrinas filosóficas em que acredita. E mais que isso, por meio da sua técnica e estética ele incorporará o conteúdo do abordado junto com a estrutura do poema. Por conseguinte, a tarefa do leitor será de juntar essas duas unidades para unificar o sentido do que está sendo lido.

Sendo assim, o objetivo deste artigo será analisar como a temática acerca das doutrinas filosóficas panteísta e estoica, agem sobre a estrutura do poema modernista “Quando vier a

¹ Graduandos em Letras- Português pela Universidade Federal de Alagoas (Ufal)

² Professora Doutora em Literatura de Língua Portuguesa da Universidade Federal de Alagoas

primavera” do heterônimo Alberto Caeiro do poeta Fernando Pessoa. Em função disso, apresentaremos um pouco sobre a vida de Fernando Pessoa, a Geração Orpheu, o Panteísmo, o Estoicismo e o heterônimo Alberto Caeiro, para só então analisarmos o poema, para demonstrar como o Modernismo de Pessoa se revela através das duas filosofias no texto em questão, tendo como base teórica: Gaarder (2009), Barreiros (1992), Moisés (1987), Lopes (2010) e Scruton (2000).

2. O poeta Fernando Pessoa

Fernando António Nogueira Pessoa nasceu na cidade de Lisboa em 1888. Logo aos cinco anos de idade ficou órfão de pai, por isso, se mudou para Durban na África do Sul com a mãe e o padrasto. Por lá, ele iniciou sua vida acadêmica e intelectual gozando de prestígio na arte das letras.

Em 1905, volta a Portugal onde se tornará famoso pela colaboração em diversas revistas nacionais, com destaque para a *Orpheu*, que deu origem à Primeira Geração Modernista no país. Seu nome ficou bastante conhecido tanto por conta da temática abrangente quanto pelas novas experiências literárias que ele realizou durante sua carreira, com a criação de diversas personalidades poéticas ou heterônimos, como ele assim chamava Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos e o semi-heterônimo Bernardo Soares, além de si próprio, o ortônimo.

Pessoa ao longo da sua vida atribuía a sua intelectualidade ao temperamento neurótico que possuía; por outro lado, viciou-se em álcool o que o levou à morte em 30 de novembro de 1935 devido a uma cirrose hepática severa.

3. A Geração Orpheu

Inconformados com a Renascença na Literatura Portuguesa no começo do século XX Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro e Almada Negreiros lançam a revista *Orpheu* em 1915, onde procuravam ter mais liberdade artística podendo publicar seus textos literários sem o nacionalismo, academicismo e saudosismo que prendiam maioria dos escritores à época.

Sendo assim, havia três aspectos gerais na estilística desses três escritores de acordo com António José Barreiros (1992, p. 428-429). O primeiro deles é o paulismo definido pelo próprio Pessoa como a união de características do decadentismo e simbolismo no aspecto

estilístico de seus poemas. O interseccionismo é o segundo aspecto geral, essa proposta busca fazer a alternância de elementos opostos no texto poético, na grande maioria deles há paisagens que ora se distanciam e ora se aproximam, o tempo presente coexiste com passado ou ainda o real e o onírico se entrecruzam com o intuito de enriquecer o conteúdo literário. O sensacionismo é o terceiro aspecto geral, entendido por atribuir vida às sensações vividas pelo autor, mas também as coisas e as pessoas a sua volta.

4. Alberto Caeiro

Alberto Caeiro (1887-1915), o heterônimo pessoano, era um poeta camponês, “um homem sem cor, de olhos azuis, que passava o tempo a ver o mundo e as coisas”, conforme descrição do próprio poeta, citado por Barreiros (1992, p. 443). Caeiro possuía apenas a instrução primária, ignorava a metafísica, o conhecimento científico, o subjetivismo e a reflexão. Seus poemas possuem uma linguagem simples e jogos de palavras, o poeta prefere o sentir em detrimento do pensar.

É um homem que está conectado com a Natureza, não pensando só como ser humano, mas também como um ente que faz parte dela. Caeiro se sente indiferente a temas que são muito angustiantes para a existência, como por exemplo: a morte, as perdas afetivas e materiais, a desigualdade social, etc. Sua poesia é tão sensitiva, que costuma dizer aquilo que nos parece inexpressível em palavras, mas é perfeitamente compreensível na nossa sensibilidade de perceber o que sentimos e a forma como vivemos o mundo:

Assim como falham as palavras quando querem exprimir qualquer pensamento,

Assim falham os pensamentos quando querem exprimir qualquer realidade.

Mas, como a realidade pensada não é a dita mas a pensada,

Assim a mesma dita realidade existe, não o ser pensada.

Assim tudo o que existe, simplesmente existe.

O resto é uma espécie de sono que temos,

Uma velhice que nos acompanha desde a infância da doença.
(PESSOA,2013, p.140)

5. O Estoicismo

O estoicismo é a concepção filosófica que tem como ideal virtuoso e ético a apatia, ou seja, o ser humano deveria ser indiferente às suas emoções e aos fatos que ocorrem na sua vida. No poema ‘‘ Quando vier a primavera’’, Caeiro se mostra indiferente à morte, para ele o destino é algo incerto. Sendo assim, o ser humano deverá aceitar o que de bom e ruim vier para a sua vida. O poeta camponês demonstra esta sua indiferença à morte através do jogo de palavras, como pode ser observado nos versos a seguir:

Se esse é o seu tempo, quando havia ela de vir senão no seu tempo?

Gosto que tudo seja real e que tudo esteja certo;

E gosto porque assim seria, mesmo que eu não gostasse. (PESSOA,2013, p.119)

Tudo acontece por força do decorrer dos acontecimentos, e de pouco serve lamentarmos-nos quando o destino nos bate à porta. Mesmo as situações felizes da vida devem ser aceitas com serenidade. Esta posição é semelhante à dos cínicos, para quem todas as coisas exteriores do mundo eram indiferentes. Ainda hoje falamos de uma ‘‘serenidade estoíca’’, quando alguém não se deixa arrebatar pelos seus sentimentos. (GAARDER, 2009, p. 149).

6. O Panteísmo

O Panteísmo é a concepção filosófica de que toda natureza e todo universo compõem Deus; entretanto, tal doutrina não acredita que Deus seja um ser inteligente, onisciente e onipotente como creem as religiões judaico-cristãs. (GAARDER, 2009, p.268). No poema em questão, percebe-se que Caeiro ignora a angústia da morte. Para ele, morrer é algo tão natural como viver. A nossa morte é como a de um ser vivo qualquer, somos apenas um ente na natureza e quando nos vamos, não mais existimos, tudo será como antes. Haverá sempre o dia e a noite, as estações sempre serão as mesmas.

Quando vier a Primavera,

Se eu já estiver morto,

As flores florirão da mesma maneira

E as árvores não serão menos verdes que na Primavera passada.

A realidade não precisa de mim. (PESSOA,2013, p. 119)

O filósofo holandês Baruch de Espinoza é um dos principais representantes dessa doutrina filosófica. Como grande parte dos filósofos ocidentais ele quis seguir a tradição para pensar sobre questões relacionadas ao Universo onde existimos. Por isso, as perguntas tão comuns em livros de filosofia, como por exemplo: “Por que as coisas existem?” “Como se compõe o mundo?”, “O que somos nós no esquema das coisas?”, “Somos livres?”, “Como devemos viver?” são muito importantes para se compreender a filosofia de Spinoza. Em seu livro *Ética*, é importante destacar que o filósofo adota o método da geometria euclidiana para construir seus argumentos, iniciando com as definições, axiomas e deduzindo os teoremas, por demonstrações abstratas conforme apontou o filósofo britânico Roger Scruton (2000, p. 7) em seu livro *Espinoza*. Ainda segundo Scruton, Spinoza acreditava que o Universo não poderia ter uma explicação, a não ser que ele-próprio fosse causa de si mesmo. Então, é através disso que se entende o Panteísmo; nesse sentido, Deus não seria uma entidade sobrenatural, um ser antropomórfico, mas sim a própria Natureza com as suas leis físicas que se autorregulam.

7. A reação de Caeiro contra a modernidade

Caeiro é um homem contemporâneo em relação à ascendência da modernidade em Portugal. Mas ele está satisfeito com sua vida campestre, não tem nenhum interesse pelo cientificismo e pelo urbanismo crescente, como o demonstra nestes versos de outros dos seus poemas:

Nas cidades a vida é mais pequena

Que aqui na minha casa no cimo deste outeiro.

Na cidade as grandes casas fecham a vista à chave,

Escondem o horizonte, empurram o nosso olhar para longe de todo o céu,

Tornam-nos pequenos porque nos tiram o que os nossos olhos nos podem dar,

E tornam-nos pobres porque a nossa única riqueza é ver. (PESSOA,2013, p.40)

Ou ainda:

Não quero pensar nas cousas como presentes; quero pensar nelas como cousas.

[..]

Eu devia vê-las, apenas vê-las;

Vê-las até não poder pensar nelas,

Vê-las sem tempo, nem espaço,

Ver podendo dispensar tudo menos o que se vê.

É esta a ciência de ver, que não é nenhuma. (PESSOA,2013, p.121)

Seguindo este raciocínio, é importante chamar atenção ao fato como mencionou Massaud Moisés (1987, p.298) que Fernando Pessoa elaborava seus poemas partindo geralmente de verdades axiomáticas, fruto tanto de seu conteúdo reflexivo e intelectual das suas composições quanto da profundidade dialética que costumam contradizer verdades previamente estabelecidas, por isso, é comum que as frases de seus poemas se tornem tão célebres, como por exemplo: “O Nada que é tudo”, “O que em mim sente está pensando” entre outras.

Assim, ele escreve porque há uma vontade de reconstruir o universo através do caos de ideias, desejos e sensações dispersos na realidade. Porém, para assim reconstruí-lo, seria contraditório ser o próprio Pessoa em todos os seus escritos; em razão disso, o poeta cria seus vários heterônimos como uma maneira de reproduzir o máximo de formas possíveis de vidas ou de ver e viver o mundo.

Este relativismo, como também apontou Moisés, em Pessoa ser vários em um só faz parte da tradição do Modernismo em não estar arraigado a paradigmas, mas sim em fazer novos experimentos literários. Entre os seus diversos heterônimos, destaca-se Alberto Caeiro, não só por ser tema deste artigo, mas também por ser o mestre de todos os outros porque é o poeta que foge para o campo, busca viver como os elementos campestres, descreve as coisas como são, possuindo um jeito simples e ao mesmo tempo profundo de compor poemas, ensina que se deve viver vendo e não pensando por meio do Panteísmo e do Estoicismo, como é o

caso de ‘‘ Quando vier a primavera’’, onde é perceptível a exaltação da Natureza e da realidade em detrimento do próprio sujeito poético:

Se soubesse que amanhã morria
E a Primavera era depois de amanhã,
Morreria contente, porque ela era depois de amanhã.
Se esse é o seu tempo, quando havia ela de vir senão no seu tempo?
Gosto que tudo seja real e que tudo esteja certo. (PESSOA,2013, p.119)

É passível de ser observada a indiferença de Caeiro, como já foi dito anteriormente, perante a morte, mas ao mesmo tempo percebemos uma contradição aparente, no seguinte verso: ‘‘E Gosto porque assim seria, mesmo que eu não gostasse’’. Afirmamos ‘‘aparente’’ porque quem conhece bem Caeiro sabe que há um conflito entre o que é sentido e o que é real, mas o que se sobressai é a realidade, a objetividade das coisas, inclusive da morte como um evento natural que não pode ser impedido por coisa alguma, é uma lei natural advinda da casualidade e efeito. É desse ponto que se revela o Panteísmo no poema, porque há uma prevalência da aceitação das leis naturais em demonstrar que o falecimento de qualquer ser é inútil diante do nosso universo infinito e é através dessa serenidade em lidar com esse assunto que o Estoicismo complementa o sentido do poema resultando na máxima: ‘‘ O que for, quando for e que será o que é ‘‘ (PESSOA,2013, p.119).

Cogitando que Pessoa compõe seus poemas como um modo de reordenar as coisas no universo, porque tudo que existe pode ser percebido, mas nem sempre é capaz de ser exprimido, e a única forma de se fazer isso será por meio de textos poéticos, se observamos a origem da palavra ‘‘ poema ‘‘ vem do grego ‘‘poiein’’, que significa fazer ou construir. Caeiro nessa perspectiva parte sempre de coisas elementares comparando com a Natureza, reduz os pensamentos que temos das coisas em sensações, e assim, compõe a realidade através de jogos de palavras ou frases que inicialmente podem nos parecer contraditórias, mas aos poucos se tornam verdadeiras com sentidos profundos, como nestes versos de seu poema ‘‘ Deste modo ou daquele modo’’: ‘‘ Nem sempre consigo sentir o que sei que devo sentir’’, ‘‘ Trago ao Universo um novo Universo porque trago ao Universo ele-próprio.’’ (PESSOA, 2013, p.85). No poema analisado, através de versos com significados bastante reflexivos e verdades evidentes, podemos observar como a nossa morte é desimportante diante do mundo: ‘‘Não tenho preferências para quando já não puder ter preferências. ’’. Assim sendo, o Modernismo se revela no poema em questão através do Panteísmo e Estoicismo, doutrinas

filosóficas que mostram que as coisas são como são, juntamente com a experimentação de Pessoa de introjetar em Alberto Caeiro uma personalidade poética sensacionista reagindo contra uma modernidade cada vez mais crescente, materialista e ressentida.

8. Considerações finais

Diante de tudo o que foi mencionado, é importante ressaltar que o objetivo desta análise foi observar como as doutrinas filosóficas do Panteísmo e do Estoicismo são pontos-chaves para entender o estilo modernista pessoano em “ Quando vier a primavera”.

Viu-se também que sua poesia é a experimentação de vidas possíveis como forma de alinhar o caos da nossa realidade: para ele é preciso brincar com as palavras, moldá-las e como ele próprio disse, o poeta “Tem que procurar encostar as palavras à ideia/ E não precisar dum corredor /Do pensamento para as palavras” (PESSOA, 2013, p.85).

Nesse sentido, Caeiro pode ser considerado o mestre de todos os outros heterônimos porque não introduz conhecimentos científicos e profundos, reduz toda a racionalidade do aquém visível a uma tautologia conformista, tudo é como é, e assim é que é como apontou Óscar Lopes (2010, p. 998). Para concluir, pode-se afirmar que Caeiro é o sujeito poético que protesta e foge das armadilhas do ressentimento da modernidade.

9. Bibliografia

BARREIROS, António José. **História da Literatura portuguesa**. Sec. XIX-XX. Braga: Editora Pax, 1992.

GAARDER, Jostein. **O Mundo de Sofia**. 70.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MOISÉS, Massaud. **A Literatura Portuguesa**. 23.ed. São Paulo: Cultrix, 1987.

LOPES, Óscar; SARAIVA, António José. **A História da Literatura Portuguesa**. 7.ed. Lisboa: Porto Editora, 2010.

PESSOA, Fernando. **Poemas completos de Alberto Caeiro**. 1.ed. São Paulo: Hedra, 2013.

SCRUTON, Roger. **Espinosa**. 1.ed. São Paulo: Editora Unesp, 2000.